



Como Deus se revela? A Revelação de Deus através do humano

How does God reveal himself? God's Revelation through the human

*Anderson Costa Pereira**

PUC-SP

Recebido em: 10/04/2024. Aceito em: 23/12/2023.

Resumo: O artigo apresenta um ensaio sobre o tema da Revelação. Sabe-se que o Cristianismo é uma religião de Revelação, mas como este Deus se revela? Uma resposta a esta pergunta será dada a partir de três pontos. Primeiramente, a Revelação como autocomunicação de Deus, na perspectiva da teologia de Karl Rahner. Em seguida, o Deus Trino que se revela no homem Jesus e, por fim, as situações de humanidade revelam a Deus. Assim, procura-se neste artigo fundamentar a intrínseca relação entre Revelação e humanidade e quais suas implicações, distinções e condições para que tais conceitos não sejam justapostos, mas indicadores de uma mesma realidade, o Mistério de salvação. Assim, o objetivo principal deste artigo é analisar como se dá o processo da Revelação de Deus. Para alcançar esse objetivo, foi feita uma investigação bibliográfica com uma abordagem hermenêutica que procura explicitar a questão com base em referenciais teóricos já publicados sobre a questão.

Palavras-chave: Revelação; Deus; humanidade.

Abstract: The article presents an essay on the theme of Revelation. It is known that Christianity is a religion of Revelation, but how does this God reveal himself? An answer to this question will be given from three points. First, Revelation as God's self-communication, from the perspective of Karl Rahner's theology. Then, the Triune God who reveals himself in the man Jesus and, finally, the situations of humanity reveal God. Thus, this article seeks to substantiate the intrinsic relationship between Revelation and humanity and what are their implications, distinctions, and conditions so that such concepts are not juxtaposed, but indicators of the same reality, the Mystery of salvation. Between Revelation and humanity there is a complementary relationship that can never be ignored.

Keywords: Revelation; God; humanity.

* Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003).
E-mail: pereira-anderson1@hotmail.com.





Introdução

Este artigo trata sobre o tema da Revelação de Deus através do humano. Ademais, a Revelação, ao lado da Fé, são os dois principais “fundamentos da Teologia” (Haight, 2004, p. 239). A palavra Revelação vem do termo latino *velum*, que significa “véu”. Revelar, portanto, significa “tirar o véu” (Theobald, 2006, p. 26). A Revelação é, fundamentalmente, uma proposta de estabelecimento de relações entre Deus e a humanidade e de reconhecê-lo através de experiências humanas. Neste sentido, Christoph Theobald fala de “experiência humana de revelação” (Theobald, 2006, p. 29). A Revelação de Deus acontece através de situações de humanidade, porque de outra forma o humano não poderia compreendê-la. A humanidade, desse modo, é portadora de aspectos de Revelação. O conteúdo da Revelação se refere à salvação da humanidade. A questão de fundo deste artigo é pensar em que sentido o humano é caminho para o conhecimento de Deus.

A resposta a essa pergunta fundamental será dada em três sucessivos momentos. Em primeiro lugar, a partir do conceito de “autocomunicação de Deus”, delineado pelo teólogo alemão Karl Rahner, em sua obra *Curso Fundamental da Fé*, pretende-se iluminar este caminho com uma nova compreensão do encontro de Deus com o ser humano. Em segundo, argumenta-se que a Revelação de Deus aos homens atinge sua expressão plena e definitiva na pessoa de Jesus de Nazaré. Em Cristo, Deus torna-se plenamente revelado e conhecido. Para ser mais bem compreendido e como sinal de seu amor, Deus em Jesus Cristo assumiu a condição humana. Por último, a Revelação de Deus, por mais absoluta e divina que seja, ao assumir a forma humana, está condicionada pelas circunstâncias, pelas necessidades, pelas pessoas e situações em que se encontra. Tais situações de humanidade, portanto, revelam a Deus.

Grosso modo, a Revelação é um diálogo de Deus que se revela conversando com o homem. A *Dei Verbum* afirma: “Deus invisível revela-se por causa do seu muito amor, falando aos homens como a amigos e conversando com eles” (DV, 2). A *Gaudium et spes*, por outro lado, afirma: “Desde as suas origens o ser humano se entretinha com Deus” (GS, 19). A Revelação, portanto, é um diálogo, como já notava Paulo VI na *Ecclesiam Suam* (ES, 41); por fim, Bento XVI, na *Verbum Domini*, confirmou: “A novidade da revelação bíblica consiste no fato de Deus Se dar a conhecer no diálogo, que deseja ter conosco” (VD, 6).



No diálogo, embora a iniciativa parta de uma das partes, ela é imediatamente aceita e participada pela outra parte, de modo que a passividade, a falta de participação ou o desinteresse de um dos lados quebra o diálogo. Dizer, então, que a Revelação é um diálogo, é tanto quanto dizer que, quando Deus se revela, o ser humano é algo mais do que um destinatário passivo do conteúdo dessa Revelação. Para Rahner a Revelação tem um caráter de evento e é “genuinamente dialógica entre Deus e o homem” (Rahner, 1989, p. 39), porque Deus vem ao encontro do ser humano (Hb 1,1-2).

1 A Revelação como autocomunicação de Deus

Karl Rahner (1904-1984), alemão, teólogo, católico jesuíta do século XX, é uma figura importante na teologia da Revelação. Para Rahner, a Revelação é a autocomunicação de Deus à humanidade e é uma ação que Deus realiza por Si mesmo, sem a intervenção humana, mas com sua participação. Rahner enfatiza que a Revelação de Deus é uma ação completamente livre e gratuita e que Deus escolhe revelar-se a Si mesmo para que os seres humanos possam conhecê-Lo. Para o teólogo alemão, a Revelação não é uma resposta a perguntas humanas, mas uma iniciativa divina para se revelar aos seres humanos. Rahner também enfatiza que a Revelação de Deus não é limitada a uma época ou a um lugar específico, mas é uma ação contínua e eterna. Ele argumenta que Deus está constantemente se comunicando com a humanidade e que a Revelação de Deus é uma realidade contínua e em evolução.

O tema da autocomunicação (*Selbstmitteilung*, no original alemão) constitui um dos eixos centrais do pensamento e da obra do grande sacerdote jesuíta alemão. Para aprofundar o entendimento da autocomunicação de Deus é necessário traçar sua definição e, para isso, temos a obra *Curso Fundamental da Fé* (publicada em 1976), na qual Rahner descreve e esboça o que é autocomunicação, seus pressupostos e consequências. A esse respeito, encontramos uma citação onde Rahner deixa claro o que entende por autocomunicação de Deus, apontando que:

Ao falarmos de “autocomunicação” de Deus, que não se entenda esta palavra no sentido de que Deus, em uma revelação, falasse algo sobre si mesmo. O termo “autocomunicação” visa propriamente a significar que Deus se torna ele mesmo em sua realidade mais própria como que um constitutivo interno do homem. Trata-se, pois, de autocomunicação ontológica de Deus. Mas que não se entenda o termo “ontológica” em



sentido apenas objetivante, como se se tratasse de algo concebido inteiramente a maneira de coisa ou objeto. Este seria o outro lado de possível equivocação. Uma autocomunicação de Deus, como mistério pessoal e absoluto ao homem enquanto ser de transcendência, implica inicialmente uma comunicação a ele enquanto ser espiritual e pessoal. Queremos, portanto, evitar de imediato dois equívocos: primeiramente, que se entenda a autocomunicação de Deus como se mero falar sobre Deus, ainda que talvez suscitado por Deus; e, em segundo lugar, que se entenda a mesma como se mera coisa ou objeto (Rahner, 1989, p. 145-146).

A partir dessa definição Rahneriana, podemos decompor alguns elementos que nos permitem compreender o que significa o termo autocomunicação. A primeira afirmação que emerge é que esse conceito é mais amplo do que o conceito anterior de Revelação, pois a Revelação antes se referia a um discurso objetivo no estilo de algo externo e diferente de Deus e que seria dado ao homem de forma externa, como “lista de verdades” dada e que não pode ser modificada (Moran, 1969, p. 19). Ao contrário, Rahner afirma enfaticamente que a autocomunicação significa que Deus se comunica, se dá e se faz o “constitutivo interno” mais essencial do homem.

Rahner afirma ainda que a autocomunicação é uma autocomunicação ontológica de Deus, que, segundo ele, corresponde à essência do homem. É precisamente esse autodomínio pessoal do homem que Deus transforma e potencializa ontologicamente por meio de sua autocomunicação. Para esse teólogo, a autocomunicação é uma realidade onde Deus se apresenta como um mistério pessoal e absoluto que é dado ao homem, e este, entendido como um ser que transcende, como um ser espiritual e pessoal, preparado antecipadamente para a dita autocomunicação. Em largos traços, o uso do termo autocomunicação visa evitar a confusão de ver a Revelação de Deus como um mero discurso objetivo sobre Deus e, em segundo lugar, evitar a coisificação de Deus.

Rahner argumenta que a Revelação de Deus não é apenas uma comunicação de conhecimento, mas uma autocomunicação de amor. Ele acredita que Deus revela Seu amor pela humanidade através da Revelação, e que a resposta apropriada da humanidade é responder a esse amor de Deus com amor-próprio. A autocomunicação diz respeito a uma realidade plena na qual Deus se revela ao homem com amor total. Rahner fala de “o livre amor de sua divina autocomunicação” (Rahner, 1989, p. 154). Assim, a autocomunicação de Deus não é em benefício de Si mesmo, para ser amado ou obedecido, mas em benefício da humanidade.



É Deus que vem ao ser humano enquanto este tem em si mesmo a possibilidade desta autocomunicação divina, enquanto é ser de transcendência. Nesse encontro amoroso com Deus, o ser humano faz experiência daquilo que Deus é em si mesmo, pois se encontra com o próprio Deus, pois aquele que se autocomunica é ao mesmo tempo doador e dom. Aquele que dá, não dá algo, mas dá-se si mesmo ao ser humano. No entanto, devemos perceber que esta autocomunicação divina não se permite ser apreendida pelo ser humano como uma realidade categorial. Deus é aquele que “não permite que dele se disponha, mas que é a instância infinita e muda, que dispõe de nós no momento e todas as vezes que começamos a dispor de alguma coisa” (Rahner, 1989, p. 152-153).

Segundo a perspectiva teológica de Rahner, presente em outra obra, intitulada *o Dogma repensado*, “a autocomunicação de Deus significa, portanto, que a realidade comunicada é realmente Deus em seu próprio ser, e desta forma é comunicação que tem em mira conhecer e possuir a Deus na visão imediata e no amor” (Rahner, 1970, p. 181). Portanto, a Revelação, como autocomunicação do Deus vivo, supõe o ser humano vivo, a quem ela aborda. A Revelação é uma realidade viva e dinâmica. A metáfora do Papa Bento XVI ajuda a entender esta realidade: “A revelação não é um meteoro que caiu na Terra e que agora, como massa rochosa, permanece em um lugar qualquer, podendo-se retirar amostras, levá-las para um laboratório e analisá-las” (Ratzinger, 2005, p. 105).

O Concílio Vaticano II não incorporou diretamente esta terminologia de Rahner, mas recolheu o significado do termo autocomunicação. *A Dei Verbum* começa seu ensinamento sobre a Revelação afirmando: “Quis Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e manifestar o mistério de sua vontade” (DV, 2). Portanto, a Revelação nasce de um ato soberano de Deus, de sua liberdade e de seu amor. A autocomunicação de Deus é fruto de sua inteira liberdade. Mais adiante *A Dei Verbum* confirma: “Pela Revelação Divina Deus quis manifestar e comunicar-se a Si mesmo” (DV, 6). Em resumo, em toda a Constituição dogmática percebe-se que a Revelação de Deus é tratada em termos de autocomunicação, mesmo que a terminologia em nenhum momento apareça explicitamente no texto conciliar.

2 Deus se revela no homem Jesus

Como afirmou o teólogo Henri de Lubac (1896-1991), em sua conhecida obra *Catolicismo*, “Cristo, revelando o Pai e sendo revelado



por Ele, acaba de revelar o homem a si mesmo” (De Lubac, 1988, p. 238), afirmação presente na *Gaudium et spes* (GS, 22). A Revelação de Deus atinge sua expressão plena e definitiva em Jesus Cristo. Neste sentido, a *Verbum Domini* afirma textualmente: “Deus pronunciou a sua palavra eterna de modo humano” (VD, 1). A eterna Palavra de Deus torna-se palavra humana em Jesus de Nazaré. Portanto, a autocomunicação de Deus encontra o seu ápice no mistério da Encarnação, aqui entendido não apenas como o instante do nascimento de Jesus, mas toda sua vida, desde o seu nascimento até sua glorificação (Ressurreição-Ascensão). A Revelação de Deus ocorreu primeiramente não nos escritos, mas em toda a vida, palavras e obras de Jesus. De fato, o Vaticano II afirma que em Jesus cumpre-se toda a plenitude da Revelação: “Por isso, Cristo Senhor, em quem se consuma toda a revelação do Deus Altíssimo [...]” (DV, 7). Jesus é a plena expressão humana de Deus: “Filipe, quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9).

Esta Revelação, como indica a *Dei Verbum*, deve ser considerada definitiva e completa porque, em Jesus de Nazaré, Deus nos diz tudo o que, no seu mistério de amor, quis comunicar à humanidade: “Por sua presença, por suas palavras e ações, por seus sinais e milagres e, especialmente por sua morte gloriosa ressurreição e missão do Espírito da verdade, Jesus Cristo completa a revelação e a confirma com testemunho divino: Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e nos ressuscitar para a vida eterna” (DV, 4). Assim, a Revelação salvífica de Deus em Jesus tem o seu momento culminante na morte e na ressurreição, na qual teve lugar o acontecimento central da nossa redenção.

A Revelação de Deus, como já o dissemos, alcançou seu ponto culminante e a sua plenitude, na consciência do Senhor glorificado. De acordo com a fé católica, aquela pessoa, Jesus Cristo, continua a viver num modo novo de tempo e numa maneira mais elevada de vida. Ora, sendo isto verdade, então a revelação continua a ocorrer, isto é, o Pai ainda fala a Palavra, a qual ressoa na humanidade de Cristo e no mundo unido a Cristo (Moran, 1969, p. 139).

Como afirma Octavio Ruiz Arenas, em um feliz título de sua obra, Jesus é a *epifania do amor do Pai*, é o rosto visível do Deus invisível, é a manifestação de Deus, de tal modo que, quem Lhe vê, vê o próprio Pai (Jo 14,9). Conhecer a Cristo é conhecer o Pai (Jo 14,7) e receber a Cristo é receber o Pai (Jo 13,20). Jesus apresenta-se como o revelador do Pai,



pois só Ele vem de junto de Deus. É enviado ao mundo pelo Pai para ser imagem e Revelação de Deus. Quando Jesus fala, não fala apenas com autoridade divina: o próprio Deus fala nele. Por isso, crer em Cristo é crer em Deus. Recusar Cristo é recusar Deus.

Deus, por meio da revelação em Cristo, nos torna manifesta a verdade sobre Deus e o homem. Em Cristo, nos foi revelado quem é Deus, ou seja, o Pai que nos criou e que nos ama como filhos, nos é manifestado também o Filho que é a palavra e que nos chama e convida a uma comunhão de vida com a Trindade; e o Espírito Santo que vivifica e santifica continuamente a Igreja. Mas, ao mesmo tempo, em Cristo é revelada a verdade sobre o homem: chamado e eleito por Deus desde a criação do mundo para ser filho adotivo do Pai, foi redimido do pecado por meio do sacrifício redentor de Cristo e, assistido pela graça do Espírito Santo, caminha para a salvação eterna (Arenas, 1995, p. 50).

A humanidade de Jesus se revela em todos os momentos de sua existência terrestre. Sua vida foi proclamar o Reino de Deus, centro de sua pregação. Qual era sua mensagem? Era que o Reino de Deus tinha se aproximado e que ele, Jesus, manifestava sua chegada pela suas palavras e suas ações. Jesus revela-se assim como o Messias, pois com Ele o Reino é proclamado. Nos comportamentos mais humanos de Jesus revelam-se aspectos de sua divindade. Destaca-se, por exemplo, o episódio das tentações que revelam sua mais profunda humanidade. As tentações de Jesus são relatadas em três dos quatro Evangelhos do Novo Testamento: Mateus (4,1-11), Marcos (1,12-13) e Lucas (4,1-13). Essas tentações ocorrem logo após o batismo de Jesus e antes de seu ministério público.

As tentações são uma das histórias mais significativas dos Evangelhos no que se refere a humanidade de Jesus, pois representam um momento de confronto entre o homem Jesus e Satanás. O diabo propõe a Jesus escapar dos limites humanos: fome, morte, poder. Jesus recusa cair na tentação de fugir da condição humana. Jesus revela-se como Filho de Deus na condição humana; é nessa condição que devemos reconhecê-lo como Filho de Deus; é nessa condição que Ele salvará a humanidade. Ele se torna Filho de Deus renunciando a se comportar como um “deus”. A teologia da cruz prova que não é através do poder que Jesus se auto revela, mas através da condição humana. Assim, é possível ao homem saber que também é filho de Deus sem querer se tornar um outro “deus”, mas apenas sendo humano.



Na perspectiva de Manzatto, o núcleo da Cristologia é a “compreensão de que Jesus é o revelador de Deus e do humano porque é Deus e humano” (Manzatto, 2011, p. 15). Em paralelo temos a Teologia Fundamental, que “trabalha principalmente a compreensão da revelação de Deus, iniciada no Antigo Testamento e que alcançou a plenitude em Jesus Cristo” (Libânio, 2014, p. 7). Jesus é o cumprimento, o centro e a plenitude da Revelação. Ele é o Verbo de Deus que se fez homem para nos revelar o mistério de Deus e o mistério do homem, e para realizar o desígnio divino de salvação (Jo 1,1-18). Sendo Jesus a única pessoa que une em si a natureza divina e a natureza humana, Ele pôde revelar-nos a verdade sobre Deus e a verdade sobre o homem. Em Jesus, não só se revela o mistério de Deus, mas também o mistério do homem, como afirmou Henri de Lubac. Jesus de Nazaré ilumina o que, sem a sua Revelação, permaneceria desconhecido no homem. Mostra ao homem a sua vocação mais elevada, isto é, a vocação de ser humano. Dado a distância milenar é muito difícil chegarmos hoje a sua figura histórica, nem é possível reconstruí-la a partir dos relatos evangélicos, pois estes não são registros historiográficos, mas são confissões de fé das primeiras comunidades. Uma articulação, e não justaposição, entre o Jesus histórico, o Cristo da fé e o Messias do texto é necessária para não se cair num historicismo ou no simples fideísmo (Manzatto, 2011, p. 11).

A negação da humanidade de Jesus é, por definição conciliar, uma heresia. É o caso do Docetismo, que surgiu no século II, e que defendia que Jesus não teria um corpo físico, mas apenas aparentaria ter um corpo humano. Segundo essa heresia, Jesus seria uma espécie de fantasma divino que teria assumido uma aparência humana para se comunicar com os homens. Os docetas afirmavam que Jesus não teria nascido de uma mulher, nem teria sofrido realmente a morte na cruz, mas apenas parecido ter passado por essas experiências. A crucificação e sofrimento de Jesus seriam apenas uma ilusão. Eles negavam, portanto, a humanidade real de Jesus, o que ia contra o ensinamento católico de que Jesus era totalmente Deus e totalmente homem. O testemunho clássico de Jo 1,14 (Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο – E o Verbo se tornou carne) ressalta a humanidade de Jesus, enquanto a (anti)cristologia docetista defendia que “o Verbo se tornou um fantasma”. O Docetismo foi condenado como heresia pelos primeiros Concílios cristãos, que afirmavam a importância da humanidade real de Jesus para a salvação dos homens. A heresia foi combatida pelos Padres da Igreja como Irineu de Lião e Tertuliano, que



afirmavam que Jesus era verdadeiramente humano e divino, e que sua humanidade era tão real quanto sua divindade (Frangiotti, 1995).

3 As situações de humanidade revelam a Deus

Situação de humanidade é uma expressão que pode ser interpretada de diferentes maneiras dependendo do contexto em que é usada. Em geral, ela se refere a um momento ou circunstância em que a humanidade como um todo enfrenta um desafio, crise ou problema comum, e que exige uma resposta coletiva. Por exemplo, a pandemia da COVID-19 pode ser considerada uma situação de humanidade, pois afetou pessoas em todo o mundo e requereu ações coordenadas de governos, organizações civis e religiosas e indivíduos para controlar a disseminação da doença e proteger a saúde pública.

Outros exemplos de situações de humanidade podem incluir desastres naturais como terremotos, furacões e enchentes, crises humanitárias como conflitos armados e migrações forçadas, ameaças globais como mudanças climáticas e esgotamento de recursos naturais e tantos males que afetam a humanidade pessoal e coletivamente. Em todos esses casos, a colaboração e a solidariedade entre os indivíduos e comunidades são fundamentais para lidar com as consequências e buscar soluções sustentáveis. É neste sentido que afirmamos que as situações de humanidade revelam a Deus, pois nelas o Divino se manifesta como auxílio do humano. De acordo com Libânio, “a partir dessas experiências reveladoras, interpreta-se toda a história da humanidade, desde seus primórdios até sua consumação” (Libânio, 2014, p. 242).

O Concílio Vaticano II reconheceu a legítima autonomia das realidades terrestres e seculares (GS, 36). Acreditamos que essas realidades, embora autônomas, possuem um fundamento ontológico, pois “sem o Criador a criatura se reduz a nada. [...] O esquecimento de Deus torna o mundo incompreensível”. (GS, 36). Assim, essas realidades, que não estão sob o domínio da vontade da Igreja, também revelam a Deus.

Segundo o teólogo francês Yves Congar, a Revelação é viva e dinâmica, destinada a crescer em sua compreensão: “A Revelação se encerrou, mas nos é dado sem cessar um ‘espírito de revelação’ que faz viver e penetrar seu sentido” (Congar, 1964, p. 55) e que irradia na história humana. Por isso, se pode distinguir entre *Revelação e revelações* (Congar, 1964, p. 78), ou seja, a Revelação que se deu plenamente em



Jesus Cristo e se encerrou com a morte do último Apóstolo e as revelações de um Deus que comunica constantemente seu amor ao ser humano, que o capta através dos “sinais dos tempos”. Ademais, o Concílio Vaticano II disse claramente que “é dever permanente da Igreja perscrutar os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho” (GS, 4). Assim, a existência concreta e histórica do homem torna-se fonte teológica da revelação de Deus. Cada gesto de humanidade é expressão dessas “revelações” de Deus. É nesse sentido que *Gaudium et spes* afirma que a Revelação cristã “leva a uma compreensão mais profunda das exigências da vida social” (GS, 23).

A religião e a humanidade estão sobremodo interligadas. A ideia de que as situações de humanidade revelam a Deus é algo muito característico do Cristianismo. De fato, Deus é um ser onisciente e onipresente que tudo conhece e está sempre presente em todas as situações humanas, e as experiências que vivemos são uma forma de revelar Sua natureza e vontade para nós. Na Tradição cristã, a ideia de que as situações de humanidade revelam a Deus é refletida na crença de que o Divino se uniu ao humano na pessoa de Jesus, e, que, através de sua vida e morte podemos compreender melhor a natureza divina e a vontade de Deus para a humanidade. As situações de humanidade revelam a Deus no sentido de que “no decorrer dos acontecimentos reais se produzam por vezes situações que sacodem a consciência, rompendo sua rotina e abrindo-a ao chamado do divino, que a solicita a partir da última profundidade do real e de si mesma” (Queiruga, 2010, p. 201). Ainda, neste sentido, Queiruga afirma:

Como ajuda para esta captação, há uma imagem que se foi impondo por si mesma ao longo da reflexão: em seu amor total e em sua providência salvadora sempre em ato, Deus é como o sol irradiante que está pressionando em todas as partes o espírito da humanidade, para se fazer perceber a si mesmo; é a palavra viva que está chamando continuamente a sensibilidade profunda de todo homem, para fazer-se sentir. Ali onde uma greta se abre à sua luz, ali onde um coração se acautela obscuramente de sua voz, Deus irrompe com a impaciência do amor e inaugura um diálogo que, aproveitando essa abertura, vai-se ampliando e aprofundando. Permitam-me confirmar essa ideia com duas citações especialmente autorizadas: “Deus está como o sol sobre as almas para comunicar-se a elas”, diz São João da Cruz. “Daquela que não está em graça, eu o confesso, e não por falta do Sol de Justiça, que está nela dando-lhe ser, mas por não ser ela capaz de receber a luz”, disse por sua vez Santa Teresa de Jesus (Queiruga, 2010, p. 446).



O relato do Evangelho de Mateus 25,31-46 é uma das passagens mais impactantes e conhecidas do Novo Testamento a esse respeito. “A passagem é uma obra-prima, o clímax e a grandiosa final do quinto discurso e do ministério público de Jesus” (Viviano, 2015, p. 206). Na conclusão do sermão escatológico, Mateus descreve claramente como Deus se revela nas situações concretas de humanidade, a partir das vivências das obras de misericórdia. O discurso apresenta-se como uma síntese da doutrina e das exigências de todo o Evangelho. Todos serão julgados sobre a caridade. Em cada situação de humanidade, quem possuiu ou viveu um amor verdadeiramente autêntico para com os outros possuiu e viveu algo do próprio Deus. O julgamento não aponta como critério a fé ou a ausência de fé em Jesus, mas o amor. Mais exatamente, segundo o pensamento judeu-cristão (Tg 2,14-26), vazia é a fé que não age por amor. Os atos de caridade descritos no discurso, muito simples, alcançam as misérias humanas mais profundas: fome, sede, isolamento dos estrangeiros e dos migrantes, a vergonha do malvestido, a reclusão do doente e do preso. Temas tão queridos ao atual Bispo de Roma, o Papa Francisco.

Nesse discurso, Jesus se revela presente invisivelmente em cada pessoa humana que precisa de ajuda e, por isso, cada situação de humanidade é privilegiada para reconhecer o rosto humano de Deus. O cristão autêntico não pratica a caridade como um mero ato de filantropia, mas como fruto de um amor plenamente humano que nos faz enxergar o próprio Jesus. O amor a Deus e o amor ao ser humano não são duas realidades separadas ou independentes, mas uma e mesma coisa. Interessante nessa passagem é que o discipulado cristão não é apresentado em termos de fé em Cristo, nem participação na Igreja, mas em termos de humanidade, equivalente ao cuidado com os necessitados. Ademais, “isto não significa uma negação da fé; faz parte da essência da fé” (Viviano, 2015, p. 207). À resposta de Jesus (*foi a mim que o fizeste*) identifica o auxílio ao carente com o amor a Cristo. A responsabilidade moral perante o outro pressupõe a consciência humana de que Deus leva a humanidade muito a sério.

Conclusão

Conclui-se que a Revelação de Deus ao humano se dá através do humano, máxime através de situações de humanidade. Trata-se de uma pedagogia divina, pois de outra forma o humano não poderia



compreendê-la. A autocomunicação de Deus não acontece sem a participação humana. Portanto, o humano é portador de aspectos de Revelação, sendo caminho ou via para o conhecimento de Deus. A acolhida da Revelação se dá na humanidade, porque o homem a recebe (apropria-se dela) dentro de sua condição humana, na qual vive, pensa e se expressa; e assim ele a transmite. Como escreveu belamente o filósofo Blaise Pascal: “Além de só conhecermos Deus por Jesus Cristo, só nos conhecemos a nós mesmos por Jesus Cristo” (Pascal, 2023, n. 548). As situações de humanidade como sofrimento, dor, miséria, morte, pecado, angústia... agora aparecem como realidades iluminadas por Cristo.

Deus e o humano não são inimigos, podem conviver. Por sua vez, o humano não precisa buscar uma espécie de fusão com o divino porque mesmo em Jesus a relação entre o humano e o divino não é feita assim: [...] Dizer que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus e verdadeiramente humano significa dizer que o humano pode realizar-se como humano sem que a proximidade de Deus o prejudique e sem que precise deixar de ser humano para agradar a Deus. A relação entre Deus e o humano é possível e não é pautada pelo temor, mas pela possibilidade de o ser humano encontrar sua grandeza em Deus, e este, por sua vez, no meio da humanidade estará entre os seus (Manzatto, 2011, p. 16).

Crer ainda é um ato de humanidade, portanto no mundo atual crer ainda faz sentido. O Cristianismo é uma afirmação radical de Deus e do humano, de tal modo que a paixão por Deus e pelo humano não se excluem mutuamente, antes completam-se. O Evangelho de Mateus 25,31-46, outrora citado, nos leva a entender que nada sobraria de humanidade no homem ao entregar-se a Deus e esquecer-se do semelhante. A pergunta fundamental sobre a existência de Deus só terá sentido algum ao homem se, ao mesmo tempo, perguntar-se também pelo homem, refletindo sobre a sua condição humana. A fé em Cristo é reveladora de uma dimensão humana, de uma alteridade radical. A Revelação de Deus não se trata de um conjunto de afirmações empíricas e racionais acerca de Sua existência. Ademais, isso não bastaria para provar que Deus existe, pois é possível ter profundas convicções e ainda estar profundamente errado, já que a razão não determina tudo.

Deus não diminui, tampouco nega a nossa humanidade, que jamais deverá ser vista como sua inimiga. A nossa humanidade não é inimiga de Deus, ao contrário, é pela humanidade que fomos salvos e chamados a fazer parte da natureza divina (2Pd 1,4). Constitui um grande



mal-entendido considerar Deus como rival da humanidade. Portanto, ninguém precisa negar a sua humanidade para poder afirmar a Deus; Ele não precisa, tampouco quer que alguém, por causa Dele, negue ou diminua a sua própria condição humana. Em sua liberalidade Ele nos deixa espaço para sermos humanos e nos quer verdadeiramente humanos. Os Evangelistas acentuam a humanidade de Jesus, que não a nega, antes a aperfeiçoa. Jesus se fez solidário de uma humanidade decaída pelo pecado. Fez-se semelhante ao homem, exceto no pecado (Hb 4,15). Para Jesus cumprir toda justiça descera às profundezas da humanidade. Sua humilhação será recompensada pelo reconhecimento do Pai (Fl 2,9). É possível ainda encontrar a Deus nas situações de humanidade, sobretudo aquelas de profundas vulnerabilidades física e existencial.

Referências

ARENAS, Octavio Ruiz. *Jesus, epifania do amor do Pai*. São Paulo: Loyola, 1995.

BENTO XVI. *Verbum Domini. Sobre a Palavra de Deus*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 30 abr. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei Verbum*. Sobre a revelação divina. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 345-358.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Sobre a Igreja no mundo de hoje. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-549.

CONGAR, Yves. *La Tradición y las tradiciones: Ensayo Teológico*. Trad. Victor Bazterrica. San Sebastian: Dinor, 1964.

DE LUBAC, Henri. *Catolicismo*. Aspectos sociales del dogma. Madrid: Ediciones Encuentro, 1988.

FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

LIBÂNIO, João Batista. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014.



LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Revelação a partir da Modernidade*. São Paulo: Loyola, 2014.

MANZATTO, Antônio. O Messias do texto. *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*, ano VII, n. 36. p. 5-22. out./dez. 2011.

MORAN, Gabriel. *Teologia da Revelação*. São Paulo: Herder, 1969.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Campinas, SP: Ed. Kírion, 2023.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a Revelação: a Revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulinas, 2010.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da Fé*. Trad. Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989. (Coleção teologia sistemática).

RAHNER, Karl. *O dogma repensado*. São Paulo: Paulinas, 1970.

RATZINGER, Joseph. *Lembranças da minha vida*. São Paulo: Paulinas, 2007.

THEOBALD, Christoph. *A Revelação*. São Paulo: Loyola, 2006.

VIVIANO, Benedict T. O Evangelho segundo Mateus. In: BROWN, Raymond *et al.* *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã: Paulus, 2015.